

FASCÍCULO 1.º

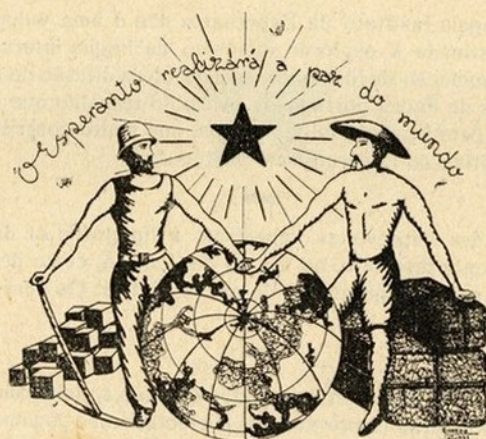
AVULSO: 2\$50

CURSO COMPLETO
(ELEMENTAR, MÉDIO E SUPERIOR)

DE

ESPERANTO

EM FASCÍCULOS QUINZENAIS DE 2
LIÇÕES CADA, PERMITINDO UMA
FÁCILIMA E COMPLETA APRENDIZA-
GEM, SEM MESTRE, DA LÍNGUA
INTERNACIONAL



Quando se compreenderem, os povos unir-se-ão

EDIÇÃO DO
PORTUGALA INSTITUTO DE ESPERANTO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 5, 4.º
LISBOA — 1934

AOS LEITORES

ADVERTÊNCIAS, NOTAS E CONSELHOS

Com o propósito de preencher uma lacuna que nos países de língua portuguesa se advertia — a falta dum bom e completo manual didático da língua internacional — decidiu o «Portugala Instituto de Esperanto» (designação que, depois duma total remodelação da sua estrutura, adoptou a «Portugala Akademio de Esperanto») publicar em fascículos impressos — que o leitor poderá, no final, reunir e encadernar em livro manuseável e prático — o seu anunciado *Curso Completo de Esperanto*, (por correspondência).

O «Portugala Instituto de Esperanto» não é uma vulgar empresa comercial, destinada a explorar o ensino da língua internacional. É, antes, uma associação de idealistas, ao serviço da difusão do Esperanto, entre os povos de língua portuguesa. Além do trabalho que hoje iniciamos, projecta este Instituto editar outros, que muito contribuirão para o triunfo definitivo do Esperantismo português.

Dificuldades imprevistas impediram a tipografia de dar-nos concluído o presente fascículo, no dia 15 de Janeiro, como desejávamos, pelo que este sai com um atraso de quase 15 dias. Os nossos assinantes perdoar-nos-ão.

Este fascículo é remetido a todos quantos solicitaram a sua inscrição no nosso Curso (tanto aos que já efectuaram o pagamento da sua assinatura, como aos que ainda o não fizeram) e ainda a outras pessoas que nos são recomendadas por amigos comuns. Suspendemos, porém, a remessa do nosso Curso àqueles que, após a recepção do presente, não tornarem efectiva a sua assinatura com o envio da importância correspondente, agradecendo aos que não desejam ser nossos assinantes a lealdade de nos devolverem este fascículo.

(Continua na penúltima página da capa)

CURSO COMPLETO
(ELEMENTAR, MÉDIO E SUPERIOR)

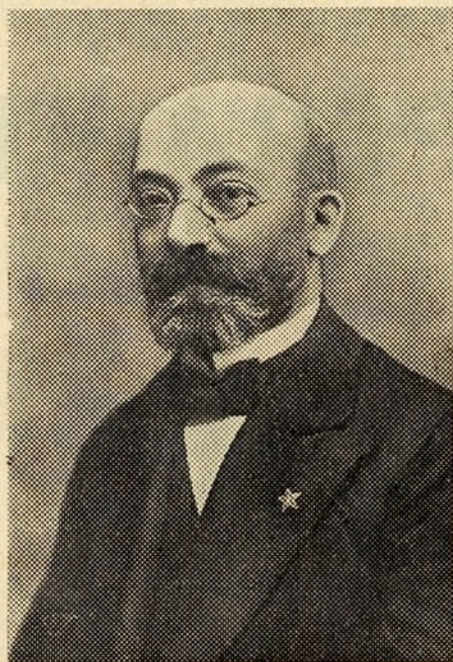
DE

ESPERANTO



EDIÇÃO DO
PORTUGALA INSTITUTO DE ESPERANTO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 5, 4.º
LISBOA
1934

Composto e impresso na
SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE TIPOGRAFIA, LDA.
R. Almirante Pessanha, 5
(ao Carmo)



DR. LUÍS LÁZARO ZAMENHOF

o genial fundador do «Esperanto»

Nasceu em Bielostok (Polónia), a 15 de Dezembro de 1859;
e faleceu em Varsóvia, a 14 de Abril de 1917

INTRODUÇÃO

1.º

A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM

O papel e a génese da linguagem — Os primeiros elementos da linguagem — Factores da evolução lingüística — A Torre de Babel — A civilização actual imprime novos rumos à evolução lingüística — A unificação das línguas será o termo desta evolução — Possibilidade de antecipar, artificialmente, a fusão das línguas

Dá-se o nome genérico de *linguagem* a uma *combinação* ou *sistema de sinais*, que entre os seres humanos — e parece que também entre os outros animais e entre as próprias plantas — permite estabelecerem-se relações.

A linguagem pode ser de várias espécies — de tantas, quantas os órgãos dos sentidos de que dois indivíduos podem servir-se para entre si comunicarem. Dêste modo, a linguagem pode ser *olfativa*, *táctil*, *visual*, ou *auditiva*. E' esta última, a linguagem auditiva, também chamada *articulada* ou

falada, aquela que, por mais generalizada entre os homens, particularmente nos interessa, nesta ligeira introdução ao estudo do problema da língua internacional.

Na dolorosa epopeia da vida, a humanidade tem vindo, a pouco e pouco, pela vereda dos séculos fora, racionalizando o trabalho, por meio dos utensílios que vai inventando, modificando e aperfeiçoando, e que constituem o índice seguro da civilização e da cultura das várias épocas da História. Pois, assim como surgiram e se aperfeiçoaram incessantemente os métodos e os instrumentos de trabalho, assim também surgiu e se tem vindo aperfeiçoando êsse poderoso instrumento de relação, que é a linguagem.

Não podemos facilmente conceber o homem isolado, o Robinson Crusoe, vivendo do esforço único do seu braço, senão como um caso anormal e esporádico. Para melhor aproveitarem os benefícios da Natureza e mais eficazmente garantirem o próprio triunfo na sua luta pela existência, os seres humanos, à semelhança dos outros animais, associaram-se entre si. Reconhecendo, ante as asperezas hostis que lhe ericam o caminho da Vida, as vantagens do labor em comum, o homem tem sentido, pelas idades fora, a necessidade de apertar, cada vez mais, os elos da solidariedade que o une aos seus semelhantes, para que, desta sorte e por via dum a mais íntima comunhão de esforços, o trabalho resulte mais agradável e mais rendoso.

Do trabalho colectivo — fruto, por sua vez, da elevação psicológica dos seres humanos — surgiu, como facilmente se compreenderá, a necessidade de criar um instrumento para a transmissão de ordens, conhecimentos e pensamentos. Conquanto não esteja ainda bem esclarecido o mistério da gênese da linguagem, não hesitamos em afirmar que os fenómenos da sua aparição e da sua evolução estão radicalmente ligados à gênese e à evolução da técnica, que acompanha sempre, paralelamente, a evolução das fórmulas económicas da vida social.

Depois dos gritos, silvos ou cantos, que o líbido, ou instinto sexual, faz soltar aos animais para mutuamente se atraírem, os primeiros e mais rudimentares fonemas ou sons perceptíveis, que o homem emitiu, devem ter sido os chamáveis «gritos de trabalho», que acompanham os movimentos executados durante o labor e são a consequência do esforço dispendido. Todos temos podido verificar como, quando um homem efectua um trabalho fatigante, o esforço lhe acelera a respiração e intumescce as veias, forçando-o à emissão de determinados sons. ¿ Quem há que, por exemplo, não tenha prestado atenção aos *jáh!*-s guturais que os lenhadores soltam, aos *jhope!*-s dos descarregadores, aos *jhope!*, *hope!*-s dos calceteiros, etc., etc. ? Tais interjeições, inda mesmo quando não vemos quem as emite, permitem-nos identificar a natureza do trabalho executado.

Êstes fonemas — que, embora, por carecerem das necessárias características, nós não possamos, com rigor filológico, considerar como *palavras*, são, não obstante, sinais compreensíveis — constituem, segundo a mais verosímil das hipóteses, a base da linguagem articulada e o ponto de partida de tãda a evolução lingüística. A criação de novas e mais complexas modalidades do trabalho determinou novos sons, característicos dêste ou daquele labor que lhes serviu de gênese e fundamento. Os sons emitidos pelo aparelho fonador do ser humano foram, desta maneira, aumentando em número e em complexidade. Apareceram sons, que exprimiam os objectos e as coisas que constituíam o cenário, os instrumentos e os objectivos do trabalho do homem primitivo. A êstes sons outros se juntaram para definir as idéias correspondentes a tais objectos. São êstes fonemas, relacionados com a prática aplicação e com a eficácia do esforço humano, que formam os primeiros elementos da linguagem articulada.

Com a linguagem humana ocorre o mesmo que com o uso dos demais instrumentos: é transmitida de geração em

geração, o que lhe permite conservar os traços hereditários que a tradição fixa. Sendo, porém, a linguagem dum povo, como tôda a sua civilização espiritual e material, o produto da experiência acumulada pelos seus antecessores, compreender-se-á como a perda ou a inaplicabilidade duma parte da experiência humana — caída, por qualquer circunstância, em desuso — traz sempre, como consequência, a anulação de certas idéias derivadas daquela experiência, que, ao ser renovada, faz brotar novas idéias e novas modalidades verbais correspondentes.

Dada a íntima conexão, existente entre a linguagem e a técnica, compreender-se-á também como, sendo rudimentaríssima a experiência técnica de certos povos selvagens da África e da América — como o era a dos primitivos agregados humanos — seja reduzidíssimo o seu vocabulário. Assim, enquanto os povos civilizados necessitam de muitos milhares de palavras para as suas relações, para aqueles povos um vocabulário de 250 a 300 palavras basta para exprimirem as suas necessidades. Os estudos comparativos das línguas, realizados pelo notável filólogo Max Müller e corroborados pela teoria jafetista dos nossos dias, permitiram chegar à conclusão de que os elementos fundamentais que serviram de raiz a tôdas as línguas modernas, foram apenas 120 sons, todos relacionados com as necessidades primárias do trabalho.

Compare-se êste pequeníssimo número de palavras do vocabulário dos povos primitivos ou atrasados, com os 80.000 termos e idéias básicas, em que se computa o léxico das línguas civilizadas, e obteremos a medida exacta do progresso técnico, vencido, até hoje, pela Humanidade.

E' de supor a coexistência, nos primeiros evos da Humanidade, de certo número de línguas com uma origem comum, que serviam para as relações dos vários grupos e raças humanas. ¿ Como se diferenciaram estas línguas, como se operou a sua multiplicação ?

A filologia atribui tal fenómeno às várias causas históricas e geográficas — como o acréscimo da população, os azares da guerra, a diminuição da fertilidade do terreno sôbre que viviam os agregados humanos, etc. — que, forçando os clans, as tribos ou os povos, a fixarem-se noutra região, ou a entregarem-se aos acasos da vida nómada, fez com que aqueles ensaiassem novos processos de vida, que tiveram como consequência novas aquisições da experiência e, concomitantemente, um enriquecimento da linguagem, que foi assim, paulatinamente, diferenciando-se. A diversidade das formas lingüísticas, o aparecimento de dialectos e de novas línguas — fenómeno a que a Bíblia procura dar explicação naquella ingénua e lírica fantasia da «Tôrre de Babel» — é, pois, consequência da diferenciação dos métodos e da experiência do trabalho, nas várias comunidades humanas. Dêste modo, a existência dos oitocentos idiomas que, excluindo os dialectos, se falam sôbre a Terra, atesta a existência dum número igual de modos de vida colectiva com características particulares.

Na evolução das línguas interveem factores de duas ordens: factores de diferenciação ou de desmembramento, e factores de assimilação ou de fusão.

A constante migração de grupos humanos pôs frequentemente em contacto comunidades com civilização, costumes, métodos de produção e línguas diferentes. Se esta desigualdade de civilização e métodos de trabalho se mantinha, tais comunidades conservavam-se divorciadas pela linguagem. Mas se, ao contrário, um aturado intercâmbio da experiência do trabalho conduzia à uniformização do modo de vida, dos hábitos e dos costumes, então produzia-se inevitavelmente a fusão ou assimilação das línguas que os vários grupos ou povos falavam, surgindo, neste caso, um novo idioma — mais ajustado ao grau de experiência adquirido — para uso dos povos, que a comunidade do território e dos métodos de trabalho ligava. Jamais foi possível uma fusão das línguas, im-

posta pelas armas dos povos vencedores sôbre os povos vencidos, como erradamente supõem alguns historiadores. Tal fusão só se opera pela unificação dos costumes e dos métodos de vida, triunfando sempre os elementos da língua daquele povo — vencedor ou vencido — que se encontra num grau mais adiantado de civilização. E' o caso do latim — língua dum povo, embora materialmente vencido pelos bárbaros, invasores do Império Romano, tènicamente mais adiantado que êstes — assimilando as línguas dos vencedores.

A proximidade dalgumas línguas, com semelhança de formas verbais ou analogia de architectura gramatical, revela-nos que a civilização dos povos que as falam teve um berço comum. Tal é o exemplo das línguas portuguesa, espanhola, italiana, francesa e romena, mergulhando as suas raízes numa fonte lingüística e numa civilização comuns: a língua e a civilização latinas, que foram, em determinado período da História, a língua e a civilização de todos os povos do sul e do ocidente da Europa. A mesma interpretação deve dar-se à afirmação, baseada no estudo comparativo das línguas, de que todos os idiomas europeus derivam duma mesma raiz: o *ariano* ou *indo-europeu*, língua máter do grupo de línguas designadas por *indo-europeias*. Deve deduzir-se daqui que os actuais povos europeus tiveram antepassados que viveram conjuntamente, numa época remota, utilizando métodos comuns de trabalho.

Os dialectos mixtos, ou sub-línguas, surgiram sempre que entre povos de diferente nível cultural e diversidade idiomática houve de estabelecer-se contacto. Citemos apenas, dentre tantos, êstes dois exemplos: a chamada *língua chinorussa*, conhecida de todos os que habitam o Extremo Oriente, a qual, a despeito dos seus absurdos, possui todos os elementos duma língua embrionária; e a *língua franca* (amalgama lingüística de francês, espanhol, italiano, grego, turco e árabe), falada, na Idade Média, pelos mercadores do Mediterrâneo, e da qual talvez hoje se encontre o sucedâneo no *maltês*.

Entre os povos primitivos ou de civilização rudimentar, são os factores de diferenciação os que actuam mais fortemente na evolução da linguagem. A pouca densidade populacional, a inexistência ou a dificuldade de meios de comunicação entre as várias regiões, a carência de sinais alfabéticos e de regras gramaticais escritas, que fixem a fisionomia das palavras, etc., provocam ou facilitam o desmembramento das línguas.

A civilização e a cultura dos nossos dias estão impelindo, porém, por veredas opostas, a evolução lingüística. A tendência actual é, como todos comprovam, para a internacionalização da técnica e da cultura. Os consórcios internacionais de comércio, a trustificação das indústrias, etc., internacionalizam os mercados, criando tipos de produção comuns a todos os países. Assim, por exemplo, as lâminas de barbear, as películas fotográficas, o material de viação ferroviária, etc., etc., qualquer que sejam as suas marcas ou o seu país de origem, encontram em todo o mundo igual aplicação: embora fabricados na Inglaterra, na França, ou na Alemanha, são adaptáveis, respectivamente, às máquinas de barbear, às máquinas fotográficas e às linhas férreas, da América, da Rússia, ou da China. No campo da cultura, o mesmo fenómeno se adverte: as idéias, o livro, o periódico, a radiofonia, o filme, etc., invadem todos os países, apagando os traços típicos que individualizam as culturas nacionais, e criando, em substituição destas, uma cultura universal.

Desta tendência ecuménica da cultura e da técnica actuais resulta uma indubitável internacionalização das formas lingüísticas. Ou, o que é o mesmo, triunfam os factores de assimilação das línguas, em oposição aos factores de diferenciação, que venceram no passado. As novas idéias, correspondentes a novos costumes e a novas condições de vida, importadas com a técnica dos países mais progressivos, não encontrando expressão na língua do povo que as importa,

entram nesta com a designação verbal que possuíam na língua do povo de origem. E' o caso, na língua portuguesa, das palavras — *chauffeur*, *biciclette*, etc., etc., — que de balde os nacionalistas da linguagem se esforçam por substituir, na boca do povo, por *motorista*, *velocípedo*, etc. Da mesma natureza são as causas do fenómeno da aceitação das línguas europeias pelos aborígenes dos países coloniais da África, da Ásia e da Oceânia, que, ao contacto com a técnica triunfante dos povos que as falam, se veem forçados a aprendê-las. Outra prova não menos convincente do fenómeno da assimilação ou fusão internacional das línguas, fruto da internacionalização da técnica e da cultura, está no número sempre crescente de palavras — como, por exemplo, *lustro*, *elefante*, *tigre*, *telégrafo*, *telefone*, *rádio*, *locomotiva*, *geografia*, etc., etc., — comuns a muitas línguas.

A provisão dos termos internacionais tende cada dia a enriquecer-se mais, o que nos permite prever que a assimilação ou fusão natural das línguas chegará, num futuro mais ou menos distante, à uniformização internacional da linguagem, isto é, à criação dum idioma comum a todos os povos.

Este fenómeno levará, porém, muitos séculos, a produzir-se. A tradição oral, o alfabeto e a gramática — elementos de fixação dos caracteres duma língua, que a preservam contra a influência dos factores internacionalizantes, dificultarão por largo tempo a total e natural confusão internacional das línguas.

Entretanto, impõe-se a necessidade, cada dia mais sentida, duma língua internacional auxiliar. ¿ Que fazer, até lá ? ¿ Aguardar, de braços cruzados, durante alguns séculos mais, que a assimilação natural das línguas atinja o seu termo ? Não. Nós possuímos já, graças às descobertas da filologia, os conhecimentos bastantes, acerca do processo evolutivo da linguagem, para nos abalancharmos a antecipar, em bases sólidas e científicas, a fusão das línguas, estabelecendo o idioma internacional, que as necessidades da nossa época requerem.

2.º

O PROBLEMA DA LÍNGUA INTERNACIONAL

Necessidade duma interlíngua — ¿ Como solucionar o problema? ¿ Uma língua natural viva? ¿ Uma língua natural morta? ¿ Ou um idioma neutro e artificial, lógico e científico, baseada nas línguas naturais? — Breve resumo histórico das tentativas realizadas, durante três séculos, para a criação duma língua internacional — Pugna entre dois conceitos sôbre a origem das línguas: o aristotélico e o platónico — Da Pasigrafia e Ideografia, sistemas «a priori», ao Esperanto, língua «a posteriori»

Creemos desnecessário encarecer a importância duma língua internacional.

Uma civilização que possui já vários meios parciais de exteriorização do pensamento, com uniformidade internacional — tais como o calendário, as notações musicais, os símbolos algébricos, a nomenclatura científica, os sinais semafóricos, etc., etc. — e que ao serviço do forte movimento de intercâmbio material e intelectual, que a caracteriza, conta com instrumentos, como o caminho-de-ferro, os transatlânticos, os correios, o telégrafo e o telefone, a radiotelegrafia e a radiotelefonía, o livro e o jornal, o cinema, etc., etc., que, escancarando de par em par as fronteiras nacionais, levam a tóda a parte os frutos da civilização e da cultura — uma civilização assim carece dum idioma comum, cosmopolita, ajustado às suas exigências, um idioma que, resgatando os povos da divina maldição da Torre de Babel, permita aos homens de tóda a Terra entenderem-se e amarem-se.

O francês, o inglês, ou qualquer das línguas nacionais, mais internacionalmente faladas, oferecem múltiplos inconvenientes. Além das dificuldades que a sua aprendizagem en-

cerra — em consequência dos idiotismos, das irregularidades e excepções de que estão cheias — o exclusivismo patriótico, fazendo reivindicar a cada povo a honra de idioma internacional para o seu próprio, torna impraticável a adopção internacional de qualquer delas.

Com o latim o problema torna-se ainda mais complicado, pois além das dificuldades da sua aprendizagem serem as mesmas das línguas vivas, naturais, o vocabulário latino não corresponde já às necessidades da nomenclatura científica que a técnica moderna impõe. Outro inconveniente — e este não menor — do latim está na diversidade da pronúncia que se lhe atribui internacionalmente. Assim, por exemplo, onde um português lê *Cícero*, um italiano lerá *Tchítchero*, um francês *Cicerô*, um alemão *Tcítchero*, etc..

Só uma solução cabe ao problema da interlíngua: a adopção dum idioma neutro, artificial (baseado nas línguas naturais), científico, lógico e expurgado das irregularidades que pejam as línguas naturais, vivas ou mortas.

O problema da língua internacional tem sido uma preocupação de todos os tempos. Já há mais de dois mil anos, o profeta bíblico, Sofonias (*Bíblia, Sofonias, cap. 3, v. 9*) augurava a criação duma língua comum, em que «todos os povos invocarão o nome do Senhor».

Só porém com o alvorecer do século 17, século intensamente cosmopolita, o problema da língua universal começou a ser posto em equação. (1)

(1) Nos anais da Idade Média, encontram-se referências a uma abadessa do mosteiro de Rupertberg (Bingen), de nome Hildegart (1098-1178), a qual teria sido autora dum projecto de língua universal.

Segundo a tradição, também o árabe Muk-ed-Din, no século 16 da nossa era, criara uma língua universal, *Balaibalan*, da qual, porém, se não conhecem pormenores.

Dentre os centenares de tentativas de interlíngua, realizadas no decurso de três séculos, vamos resumidamente citar apenas algumas das que se nos afiguram mais notáveis:

Descartes (1629) primeiro, e depois Dalgarno (1661), Leibnitz (1666), o bispo John Wilkins e muitos outros cientistas e pensadores do Renascimento, dominados pelo conceito aristotélico da origem das línguas, conceberam línguas filosóficas para uso comum de todos os povos.

Leibnitz redigiu um projecto de interlíngua, que foi publicado em 1666, sob o título de «Dissertação sôbre a arte da combinação» e o subtítulo de «Pasigrafia ou a arte de se fazer compreender por meio de sinais de escrita, comuns a todos os povos da Terra, qualquer que seja a língua que falem, bastando conhecer êstes sinais comuns». (*Opera omnia*, vol. 6.º). Consistia tal língua numa amálgama prolixa de hieróglifos, à semelhança dos sinais da escrita chinesa, por meio dos quais e graças a um símbolo comum, que, pronunciado, soa distintamente em várias línguas, se exprimiria sempre o mesmo pensamento. Cada povo leria tais sinais no seu respectivo idioma.

Dois anos depois do aparecimento da «Pasigrafia» de Leibnitz (que, além desta obra, deixou uma original «Grammatica Rational», em que se emancipa o latim de muitas flexões inúteis e formas absurdas), em 1668, publica o bispo Wilkins a sua notável tentativa de pasigrafia, na qual as idéias com os respectivos sinais eram dispostas por espécies e coordenadas em classes, de tal modo que das idéias gerais se passava às particulares e destas às especiais.

Antes de Wilkins, em 1661, o Dr. J. Joaquim Becker propusera que se numerassem tôdas as palavras do vocabulário e que êstes números se usassem como língua internacional escrita.

Em França, em Espanha, na Inglaterra, na Alemanha, na Hungria, na Dinamarca, na Rússia, etc., multiplicaram-se as tentativas pasigráficas. Ainda no alvorecer do século passado,

em 1881, a Academia das Ciências de Copenhague confiava na solução do problema pela pasigrafia, como se deduz da manutenção dum prémio, criado por aquela instituição para o autor do melhor projecto pasigráfico.

Depois dos de Leibnitz e Wilkins, registam-se, entre outros, ainda no século 17, os projectos de: Anastácio Kirchner (1665), Pedro Porele (1667), João Upperdorf (1679-1680), André Müller (1681), que propôs uma língua internacional, assente sobre a língua chinesa, e de João Caramuel von Lobkowitz (1687).

No século seguinte, os projectos mais notáveis são talvez os de David Solbrig (1725) e do húngaro Kalmar de Tabolzafö, que, numa obra publicada em 1772, reduziu tôdas as idéias humanas a cerca de quinhentas, fundamentais e comuns, para cuja representação se serviu de sinais alfabéticos de todos os povos, com predomínio dos malabares.

Até à primeira metade do século 18, os autores de projectos de interlíngua tinham seguido a via dos sistemas *a priori*, isto é, baseados sobre palavras inventadas, quando não constituíam, como Leibnitz e outros, línguas filosóficas, isto é, baseadas sobre a classificação das idéias.

Em 1732, apareceu na Alemanha, na redacção dum jornal científico, um projecto anónimo de língua internacional, que em 1734 reapareceu, em língua latina, firmado com o pseudónimo de «Carpophorphilus». Em 15 alíneas condensava o autor tôda a gramática e os princípios fundamentais da língua que propunha. Se exceptuarmos Ph. Labbé, que, segundo Leibnitz, pretendeu criar uma língua internacional sobre o latim simplificado, teremos que considerar Carphorphophilus como o autor do primeiro projecto de língua *a posteriori*, ou seja baseada em palavras existentes.

Ao calor das ideas de fraternidade universal que animaram o movimento revolucionário da Enciclopédia, adquiriu novos impulsos o problema da interlíngua, pelo qual se apaixonaram cientistas e filósofos da envergadura de Condorcet,

Condillac, Voltaire, Montesquieu, Burnuf, Volney, Locke, Ampère, Berger, Wolke, Lambert e outros.

E' nesta época (1765) que o enciclopedista Faguet publica, no célebre «Reportório» de Diderot e d'Alembert (tomo 5.^o), um esquema de «Langue Nouvelle», em que expõe um interessante projecto de reforma regularizadora da gramática francesa, inspirada na *Grammatica Rational* de Leibnitz, a qual, entre outras coisas, bania o artigo, o género artificial e a concordância do adjectivo, dispunha a terminação do plural de todos os substantivos em *s*, a designação dos casos por preposições e a supressão das desinências pessoais no verbo. Embora imperfeitos, êstes dois projectos — o de Carphophilus e o de Faguet — têm o mérito de interromper a tradição da concepção lingüística de Aristóteles — em que até então se haviam baseado todos os projectos *a priori*, ou sejam os projectos de línguas formadas arbitrariamente por palavras inventadas — e abrir um novo caminho às investigações para a definição da natureza intrínseca das línguas ordinárias.

No 3.^o ano da Revolução Francesa, em 1795, o cidadão Delormel apresentou à Convenção Nacional, para que impusesse o seu uso, um projecto de língua universal *a priori*, que o seu autor justificava com a necessidade de «unir os homens e os povos por meio de laços delicados de fraternidade». Acolhido com entusiasmo pela Convenção, a reacção mundial que sufocou a França não permitiu, porém, que tal projecto chegasse a ser posto em prática.

Reacende-se a velha pugna entre a escola de Aristóteles e a de Platão. A *Academia Real* de Berlim, depositária do património científico do seu primeiro presidente, Leibnitz, intervém no pleito com a proposta do seguinte inquérito, que formula aos eruditos de tôda a Europa: *¿ Porventura o homem isolado, entregue unicamente às suas faculdades naturais, estará em condições de criar uma língua? Se está, ¿ de*

que modo? Entre os concorrentes, obtiveram os primeiros prémios o alemão Herder e o famoso mestre de Alexandre de Manzóni, Soave de Lugano. Ambos defenderam o ponto-de-vista da escola de Platão sôbre a origem natural das línguas, exposta no «Crátilo». (A veracidade desta tese foi demonstrada, mais modernamente, pelos dados experimentais dos estudos realizados por Max Müller, como no começo d'êste esboço se consigna).

Os projectos de Carpophorophilus e de Faguet, bem como os trabalhos de Herder e Soave, provaram que não era impossível uma língua auxiliar, neutra, derivada dos idiomas naturais, para as relações entre os povos. Carpophorophilus e Faguet podem porisso ser considerados, com justiça, como os primeiros precursores do Esperanto.

Não obstante, ainda depois de Faguet, nos séculos 18 e 19, apareceram vários sistemas pasigráficos. Além dos trabalhos de Berger (1779), de Maimieux (1797), Budet e Chambry — êstes três últimos baseados na numeração das palavras — edita em 1796 o glorioso professor de surdos-mudos, o padre Sicard, a sua pasigrafia, precedida de grande r'elame. Nesta, as idéias, divididas em três partes principais e coordenadas em classes e sub-classes, eram representadas por vários sinais e segundo diversas linhas e pontos. Não obstante a sua precisão — superior à dos anteriores métodos — a sua pasigrafia fracassou, como as precedentes, em consequência da sua complexidade, que lhe tornava difficilíma a aplicação. Depois desta notável tentativa, appareceu, com data de 1797, um invento do pedagogo e poliglota, Wolke, catedrático da Universidade de S. Petersburgo. Em 1799, foi tornado público o melhor de todos os sistemas pasigráficos, conhecidos até então, da autoria de Vater.

No começo do século 19, em 1805, Nãther, de Görlitz, publica uma obra em que se propõe o uso duma escrita formada por figuras copiadas da Natureza. Frederico Manuel Niethammer, conselheiro do rei da Baviera, critica aspera-

mente êstes sistemas de linguagem escrita, afirmando que a solução do problema da interlíngua reside num idioma que se assemelhe aos naturais, num idioma de vocábulos fonéticos, e imagina um método ideográfico, que permitiria escrever-se ao mesmo tempo que se pensasse.

Os projectos mais notáveis, que a seguir aparecem, são «O poliglota improvisado, ou a arte de escrever línguas sem as aprender» (1840), de A. Renzi, a «Pasigrafia» de Sunderwall, sueco, e a «New universal cipher language» (1874) dum autor inglês desconhecido.

A Pasigrafia morre com o século 19. Mencionemos, dentre os mais notáveis dos seus derradeiros cultores, o barão de Gablenz, Moisés Paic, Sinibaldo de Mas, Antonio Bachmaier e Alberto Walter.

A «Gablenzografia e Gablenzolalia» (1863), do barão de Gablenz, com um alfabeto coligido de 33 línguas, com que o autor pretendia vencer a dificuldade de se escrever como se fala, e com um vocabulário composto na sua maioria de palavras monossilábicas, ainda que sistemas pouco práticos, ficaram célebres pela contribuição que prestaram à filologia, que então despontava.

Um ano depois, em 1864, apareceu uma pasilalia e pasigrafia, do sérvio Moisés Paic, que utilizava apenas algarismos para representar tôdas as palavras, consoante as suas idéias elementares, de sorte que a palavra aparecia sempre expressa por um número especial. Utilizavam-se, desde 1 a 999, para tôdas as flexões, números, que a partir de 1.000 representavam os símbolos pasigráficos das idéias. As derivações da idéia elementar obtinham-se, juntando-se novos números, por meio dum sinal de soma ou de subtracção.

A mais notável tentativa pasigráfica pertence a Antonio Bachmaier, de Munich, autor dum método que, em relação aos anteriores, era duma extrema simplicidade. Este sistema, que chegou a mover o interêsse dos próprios governos, teve não obstante a sorte dos outros métodos congêneres: fracas-

sou, e com êle a crença na pasigrafia — só usável na linguagem escrita — como solução do problema da interlíngua.

Digna de especial referência é também a tentativa interlínguística da autoria dum mestre-escola francês, João Sudre (1817-1866) e publicada em 1866 sob a designação de «solresol». Baseava-se nas sete notas musicais, comuns a todo o mundo. Os pronomes, advérbios e conjunções, eram formados por uma ou duas notas (ex.: *si*=sim; *do*=não; *re*=e; *mi*=ou; *sol*=tua; etc.); as palavras mais usuais eram constituídas por combinações de três notas (ex.: *doredo*=tempo; *doremi*=dia; *dorefa*=semana; *doresol*=mês; *dorela*=ano; *doresi*=século; etc.), etc.. A aprendizagem desta língua chegou a ser recomendada oficialmente aos soldados e marinheiros franceses, tendo Vitor Hugo, Lamartine e Alexandre Humboldt expressado a Sudre as suas simpatias.

Em 1879, appareceu o Volapük, do abade Shleyer, a primeira tentativa séria de língua artificial *a posteriori*, que logrou ressonância internacional, fechando o ciclo das tentativas de língua *a priori*. Convidado a emitir a sua opinião acerca do Volapük, afirmou o sábio filólogo Max Müller que nada encontrava, naquele projecto de língua, que contrariasse a ciência lingüística.

Ao encerrar êste capítulo, recordemos que, entre outros vultos eminentes da História, cujo nome omitimos, também Tomás Moore, Fourier, Cabet, Augusto Comte, Carlos Renouvier, Renan, Schopenhauer, Mantegazza, e, entre nós, Gonçalves Viana, se interessaram pelo problema da língua internacional.

3.º

O ESPERANTO

Outras tentativas de interlíngua, simultâneas e posteriores ao Esperanto — Os caracteres essenciais do Esperanto — O Esperanto, língua viva e internacional — O movimento esperantista nos países de língua portuguesa — As principais objecções contra o Esperanto — A alma do Esperanto

Oito anos depois, em 1887, quando se encontrava em todo o seu apogeu, foi o Volapük destronado pelo Esperanto, da autoria do médico polaco, Dr. Luís Lázaró Zamenhof, que o construiu com os elementos mais internacionais de 28 línguas, cujos segrêdos devassou, num aturado estudo de mais de trinta anos.

Contam-se por algumas dezenas os projectos de língua internacional aparecidos depois do Esperanto, disputando a êste a hegemonia do mundo. Citemos apenas os mais conhecidos: o *Ido* — pretendida reforma do Esperanto — cujo movimento, aliás pequeníssimo, microscópico, está restringido a algumas nações da Europa central, podendo, em conqüência das sucessivas reformas que sofreu e que o enfraqueceram, considerar-se morto, embora se edite ainda nesta língua uma ou duas publicações de escassa tiragem e irregular aparecimento; o *latim sem flexões* ou *Interlíngua* — propagandeado pelo sábio matemático italiano, José Peano — sem gramática nem vocabulário próprio; o *Ocidental*, de Edgar Wahl, com grandes afinidades com o *latim sem flexões*; o *Romanal*; o *Moloés*, projecto de língua da autoria de Sarranton; e o *Novial*, projecto de interlíngua, publicado há pouco mais de seis anos pelo Dr. Auerbach, professor de filologia inglesa na Universidade de Copenhague.

A maior parte dêstes projectos de interlíngua não chegaram a ultrapassar os limites pessoais dos seus criadores.

Filhas da ânsia de encontrar para o problema da interlíngua uma solução científica e definitiva, nenhuma, porém, das tentativas que o precederam ou se lhe seguiram conquistou o mundo como o Esperanto.

O carácter de internacionalidade do Esperanto — língua construída, como atrás dizemos, com os elementos mais internacionais das 28 línguas mais conhecidas, — as suas afinidades morfológicas e etimológicas com as línguas naturais, a perfeita, simples e lógica arquitectura da sua gramática, a sua harmonia fonética — que o autor copiou do italiano —, a sua extrema flexibilidade e a sua expansão internacional, etc., permitem-nos considerá-lo como o lógico e evolutivo sucedâneo das línguas naturais, ao mesmo tempo que a solução definitiva do problema da língua internacional.

Para poder-se aquilatar a facilidade da aprendizagem do Esperanto, bastará saber-se que a sua gramática se reduz a 16 regras sem uma única excepção, e que o seu vocabulário é tão internacional que qualquer pessoa medianamente culta conhece já, antecipadamente, 75 % dos seus termos radicais.

O Esperanto é já hoje uma língua internacional, e sê-lo-á mais ainda no futuro. A sua existência já se não confina nos vagos limites da teoria. Há muito que transcendeu das nebulosas criadoras da utopia para o campo real da vida prática.

O melhor argumento em favor do Esperanto está nos seus quarenta e sete anos de existência, durante os quais a sua resistência tem sido vitoriosamente posta à prova. Adoptado pela Sociedade das Nações, que publica um Boletim em Esperanto, pelas internacionais operárias e por muitas colectividades científicas, comerciais e políticas, ensinado nas esco-

las oficiais e particulares dos países mais cultos (*), utilizado em vários congressos internacionais, dispondo de milhões de cultores em todo o mundo e duma vasta bibliografia, constituída por milhares de livros, jornais e revistas, redigidos na língua internacional — o Esperanto possui já hoje todas as condições duma língua viva. Pode afirmar-se que não há no mundo uma cidade, onde não exista, pelo menos, uma pessoa — com o nome registado nos anuários das internacionais esperantistas — com quem possamos entender-nos, por meio da prática, simples e eufónica língua internacional.

Aqui mesmo, em Espanha, encravada no centro da região levantina, existe uma povoação — Chestre — onde tóda a gente conhece e fala normalmente o Esperanto: o professor primário, o cura, o alcaide e tóda a população. Dará também uma idéia aproximada dos progressos do Esperanto, neste país, a notícia do funcionamento, entre outros, oficiais, dum Curso de Esperanto na Escola Normal Primária de Madrid.

Além das várias organizações nacionais e mundiais de Esperanto (de professores, de músicos, de filatelistas, de ferroviários, de amadores de rádio, de cegos, de católicos, de protestantes, de ateus, de metodistas, de médicos, de estenógrafos, de escoteiros, etc., etc.), duas poderosas organizações internacionais existem, que polarizam, por assim dizer, o movimento esperantista. São elas: a «Universala Esperanto-Asocio» (Associação Universal de Esperanto), com cêrca de 10.000 representantes em todo o mundo, uma editorial de obras esperantistas e um órgão — «Esperanto» — editado em Genebra; e, com um número de representantes equivalente à anterior, a «Sennacieca Asocio Tutmonda» (Associação Internacional dos Sem-Pátria), de tendências proletárias, que, além

(*) Funcionam cátedras de Esperanto, entre outras, nas Universidades de Liverpool, de Genebra e de Cracóvia, e no próprio Japão o estudo desta língua está incluído no programa oficial das escolas secundárias.

duma vasta editorial de obras de literatura, ciência, sociologia e filosofia — originais e traduções — mantém três órgãos na imprensa: «Sennaciulo», «La Lernanto» e «Sennacieca Revuo» (dois jornais e uma revista) editados em Paris.

Entre nós, o Esperanto começa a romper agora a espessa capa da indiferença pública que o asfixiava. Consoladora prova do que afirmamos está na expansiva e proselitica actividade, por êsse país fora desenvolvida, em favor do idioma internacional, por nada menos de trinta organismos esperantistas, dos quais só em Lisboa existem sete, que mantêm outros tantos cursos de Esperanto, além dos que já há anos funcionam nos Institutos Comerciais e Industriais de Veiga Beirão, Rodrigues Sampaio e Ferreira Borges, e na Polícia de Segurança Pública.

Em Portugal o movimento esperantista está representado, nas principais terras do país, pelos seguintes organismos:

Em Lisboa: Sociedade Esperantista Operária «Nova Vojo», Rua Jardim do Regedor, 5, 4.º-Esq.; Sociedade Esperantista Operária «Antauen!», Rua da Costa, 124-1.º; Liga dos Esperantistas Ocidentais, Rua João de Lemos, 3-1.º; Secção Esperantista da Associação de Propaganda de Portugal (Touring Club), Largo do Chiado, 12-2.º; Delegacia da U. E. A., Avenida Duque de Loulé, 50-3.º; Grémio Esperantista Popular, Rua do Miradouro, 78; S. A. T.-Rondo, Rua Jardim do Regedor, 5-4.º; «Fratiga Stelo» (Secção Esperantista do Grupo Dramático de Belém) e o «Portugala Instituto de Esperanto».

No Pôrto: Delegacias da U. E. A. e da S. A. T.; e, em organização, uma filial da «Nova Vojo» de Lisboa.

Em Coimbra: «Koimbra Esperantista Grupo», Rua Alexandre Herculano; e Delegacias da U. E. A. e da S. A. T.

Em Setúbal: Sociedade Esperantista «Disvastiga Stelaro», Praça do Bocage; e delegacias da U. E. A. e da S. A. T.

No Barreiro: Grupos Esperantistas «Tero kaj Libereco» e «Progresemaĵ amikoj», e delegacias da U. E. A. e da S. A. T.

No Tramagal (Abrantes): Delegacia da U. E. A. e o Grupo Esperantista «Tramagala Esperanto-Grupo».

No Funchal: Delegacia da U. E. A. e o «Madeira Luzo-Esperantista Instituto» (Lourenço de Almeida).

Existem, além destas entidades, delegacias da U. E. A. e da S. A. T., nas seguintes localidades: Arcos de Valdevez, Aldeia de Paio Pires, Barquinha, Santa Clara-a-Velha (Alentejo), Vale de Figueira (Ribatejo), Vendas Novas, Portalegre, Évora e Vizeu.

No Brasil, existe um movimento florescente, representado pelos seguintes agrupamentos principais:

Em Florianópolis (Santa Catarina), «Gimnasia Esperantista Rondeto», Ginásio Catarinense.

Em Porto Alegre (Rio Grande do Sul): «Sud-Brazila Esperantistigilo», Caixa Postal, 200.

No Rio de Janeiro: Delegacia da U. E. A. e o «Brazila Klubo Esperanto», Rua Marechal Floriano, 212, 1.º; «Virina Klubo», Praça 15 de Novembro, 101, 2.º; «Medicino-Studentoj», Faculdade de Medicina; «Komerca Grupo», Rua Marechal Floriano, 212, 1.º; «Laborista Grupo», Rua Camerino, 16.

Em Belo Horizonte (Minas Gerais): «Junulara Esperantista Societo», Rua Grão Mogol, 197.

Em Curitiba (Paraná): «Centro Esperantista de Paraná», Avenida João Alberto, 726.

Em São Bonifácio (Santa Catarina): «Esperantista Rondeto Verda Stelo», Correio de Teresópolis.

Em São Paulo: «Sat-Rondo», Caixa Postal 3723.

Além destas entidades, existem ainda, em quase todas as cidades brasileiras, delegacias da U. E. A. e da S. A. T.

Todavia, o Esperantismo, tanto em Portugal, como no Brasil, está muito longe de atingir o grau de potencialidade alcançado noutros países. Mais que a qualquer outro factor, tal atraso deve-se à carência de bons e completos manuais didáticos, escritos em português, lacuna que o «Portugala Instituto de Esperanto» vem preencher com a edição da presente obra, à qual outras se seguirão, conforme anunciam.

Uma coisa principalmente os seus adversários exprobam ao Esperanto: é o seu carácter artificial. Os que tal objecção

lhe opõem parecem ou fingem ignorar que a vida civilizada representa, em todos os seus aspectos, o triunfo da cultura, do artificial, sôbre o estritamente, o espontaneamente natural. Artificial e convencional são o alfabeto, a gramática e muitos elementos da linguagem falada e escrita. Resultantes da cultura, da intervenção humana, são os animais domésticos, tão diferentes dos seus congêneres selvagens. Foi, graças à cultura, que o fero lobo se tornou no manso cão, o javali no porco, etc., etc. Os próprios frutos que comemos — tão distintos, em tamanho, em grau nutritivo e em sabor, dos frutos silvestres — são produto da cultura, da intervenção do homem. E, nem por o serem, nós desprezamos os meios de transporte modernos, o vestuário e o fogo, as conquistas da civilização, numa palavra. Mas, produto da criação consciente, são também algumas línguas, que foram ou são ainda muito faladas, como a chamada «língua geral brasílica» — que os jesuítas instituíram, no Brasil, para as relações entre os colonizadores e os aborígenes — e o próprio Sânscrito, que, salvas as devidas restrições, não foi senão, como o Esperanto nos nossos tempos para o mundo, um idioma literário e auxiliar, para uso comum de todos os povos da Índia, criado pelos sacerdotes, detentores da cultura da época, com materiais das línguas em que se havia dividido a língua védica. Êste arranjo artificial de que resultou o Sânscrito foi completado, no século 4.º, antes da nossa era, pelo bramane Papíni. Como o Sânscrito são também, de certo modo, línguas artificiais, o dialecto *dórico* — em que os tragediógrafos gregos escreveram os seus cantos corais — e tôdas as línguas literárias do passado e do presente.

Outra objecção que se formula, a-miúde, contra a língua internacional, consiste em que esta corre igualmente o risco de desmembrar-se, em dialectos nacionais. Os autores de tal objecção não sabem que existe uma Academia Internacional — constituída por delegados das organizações esperantistas de todos os países — e que tal Academia é a suprema autori-

dade reguladora das coisas da língua e defensora da intangibilidade das suas regras fundamentais. Temos, além disso, hoje, ao alcance de todos, instrumentos de fixação dos caracteres essenciais da linguagem, como o alfabeto, a gramática, etc., que o passado desconhecia e que constituem um obstáculo seguro à diferenciação lingüística.

Não se entenda por estas palavras que ao Esperanto está vedado o caminho da evolução, seguido por todo o organismo vivo. Não. O Esperanto evolui — e a prova está em que, decorridos 47 anos sôbre o seu aparecimento, se nos apresenta enriquecido no seu vocabulário e com novos e mais precisos afixos — mas evolui dentro de regras fixas e imutáveis.

Poucas coisas terão posto de acôrdo gentes de idéias tão dispares, como o Esperanto. Adoptado como língua internacional auxiliar por sociedades dos mais diversos credos religiosos e das mais opostas ideologias políticas e sociais, o Esperanto tem encontrado estrénuos defensores e simpatizantes em sectores das mais variadas tendências e opiniões. Monarcas como Afonso 13 e Jorge 5.º, ditadores como Mussolini, Hitler e Estáline, anarquistas como os sábios P. Kropótkine e E. Reclus, Tolstoi, Berthelot, Romain Rolland, Neno Vasco e tantos outros, têm dado ao Esperanto o calor da sua adesão. Além dos citados fica bem mencionar aqui também o Papa actual, que, não há muito, lançou sôbre o Esperanto a sua bênção, na inauguração dum congresso internacional de esperantistas católicos, reunido em Roma.

Língua embora de todos e para todos, língua neutra, alheia a concepções políticas, sociais e religiosas, o Esperanto é, não obstante, com dobrada razão e principalmente, o idioma-instrumento dos que acalentam sonhos e aspirações de fraternidade ecuménica, dos que abraçam, num amplexo espiritual de amor e de paz, os povos todos do mundo. É também o idioma das classes trabalhadoras e desherdadas, às quais o

Esperanto, pela simplicidade da sua architectura, em contraste com a complexidade das línguas naturais, incompatível com os afazeres e o grau de cultura do operariado, oferece a rara possibilidade de se libertarem das fronteiras lingüísticas. Por isso, e ainda que cultivado por gente de tôdas as classes económicas e intelectuais, é entre as classes laboriosas que o Esperanto recruta o maior contingente dos seus partidários.

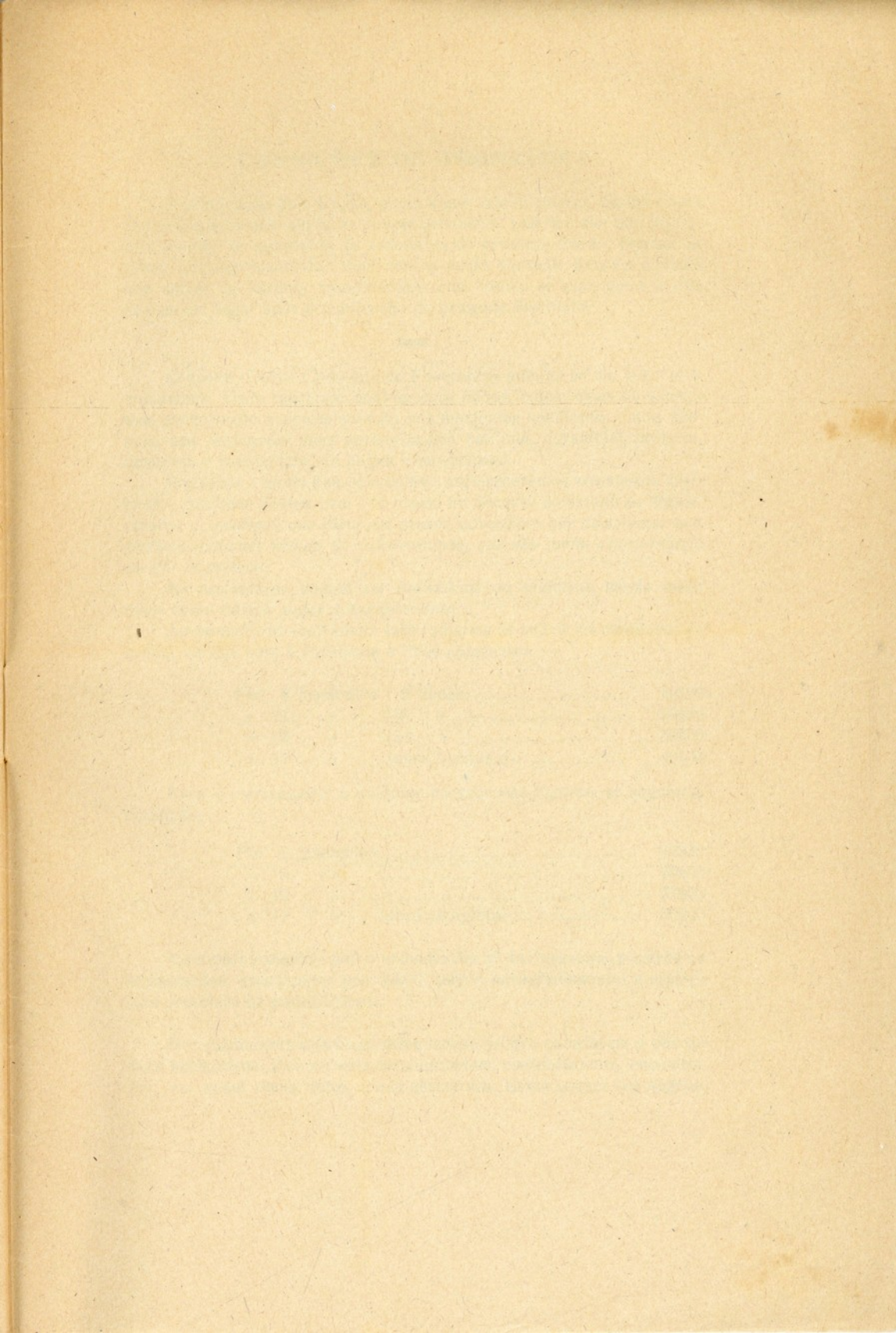
Ao Esperanto, língua acessível a gente de tôdas as nacionalidades e culturas, está reservado um grande papel na civilização, como grande tem sido o papel já desempenhado, superior e mais eficaz que o de todas as diplomacias do mundo.

A primeira condição para que dois seres se amem é que se compreendam. O Esperanto despedaça as fronteiras espirituais, que tolhem os povos de entender-se e confraternizar, e dilata os horizontes do mundo. «Para uma Humanidade, uma língua» — era a divisa do abade Shleyer, o autor do Volapük. O Esperanto é e será essa língua. Ela permitirá a qualquer de nós proclamar, como Diógenes:

— **«¡Sou cidadão do Universo!»**

Madrid, 1933.

ROBERTO DAS NEVES



CONDIÇÕES DE ASSINATURA

A publicação dum Curso, como o que hoje iniciamos, obriga a uma despesa que excede muito as nossas previsões. Isto faz que não possamos manter as condições de assinatura do presente Curso, fixadas na nossa circular-manifesto. Bem contra nossa vontade, tiveram aquelas que sofrer as ligeiras modificações, que abaixo se consignam e que entram em vigor após a publicação do presente fascículo.

O nosso «Curso Completo de Esperanto» publica-se em fascículos quinzenais. Cada fascículo contém duas lições, cujos temas ou exercícios encontrarão a exacta solução nos fascículos imediatos, o que permite aos assinantes uma aprendizagem facilíma, agradável, perfeita, completa e sem mestre, da língua internacional.

Mediante o envio dum selo de \$40, esclareceremos aos nossos assinantes qualquer dúvida com que topem no decurso do estudo da língua. (*Dados os encargos que sobre nós pesam, advertimos que deixaremos sem resposta qualquer pedido de esclarecimento, que não venha acompanhado do selo respectivo*).

As assinaturas podem ser *individuais* ou *colectivas*, sendo tanto umas como outras *pagas adiantadamente*.

As assinaturas *individuais* estão sujeitas às seguintes condições de preço, válidas para a Península e ilhas adjacentes :

Por 4 fascículos (8 lições).....	10\$00
» 8 » (16 »).....	20\$00
» 12 » (24 »).....	30\$00
» 17 » (obra completa).....	40\$00

Para o estrangeiro e colónias portuguesas vigoram as seguintes condições :

Por 4 fascículos.....	12\$50
» 8 »	25\$00
» 12 »	37\$50
» 17 » (obra completa).....	50\$00

Concessão especial—Até o próximo dia 28 de Fevereiro, poderão os interessados encomendar por 30\$00 (pagos adeantadamente) a assinatura completa do nosso Curso.

Por *assinaturas colectivas* entendem-se as que se referem a dez ou mais exemplares. Dez ou mais pessoas podem, conjuntamente, encomendar, em nome duma delas, a sua assinatura. Estas gozam dos seguin-

tes descontos: de dez a dezanove exemplares, 25%; de vinte em diante, 30%.

Concessão especial — Com o fim de estimular a constituição, por todo o país, ilhas adjacentes e colónias, de *cursos* , didacticamente orientados por nós, este Instituto satisfará o pedido colectivo de 4 ou mais assinaturas, que, até o aparecimento do fascículo n.º 3, nos enviarem, acompanhado de 25\$00 por cada aluno.

Às colectividades esperantistas e às livrarias que fizerem encomendas em quantidade (pagas adeantadamente), concede-se um desconto de 30%.

Os que nos angariarem vinte ou mais assinantes receberão gratuitamente a obra completa, sem excluir as vantagens oferecidas aos assinantes.

No final do Curso, os alunos (da capital ou da província) que o desejarem submeterão as suas provas ao exame dum júri designado pelo «Portugala Instituto de Esperanto», que concederá diplomas de aproveitamento (com vários graus, segundo as provas) aos alunos aprovados.

Cada esperantista consciente ou simpatizante entusiasta do Esperanto tem o indeclinável dever de auxiliar o nosso empreendimento, angariando mais um aluno-assinante para o nosso Curso, e promovendo, na sua localidade, a constituição dum *núcleo esperantista*, que pode, por nosso intermédio, pôr-se em relação com todo o mundo, por meio da língua internacional.

Servimos aos nossos leitores qualquer encomenda de livros — de esperanto ou não — de que nos fôr enviada a respectiva importância, acrescida de 10% para embalagem e correio. Registrado, mais, \$40.

Lisboa: 1934, Janeiro, 15.

A Direcção do P. I. E.

MATERIAL ESPERANTISTA

Na Parceria António Maria Pereira — Rua Augusta, 52, Lisboa — encontram-se à venda livros de Esperanto, toda a espécie de obras didacticas e literárias, distintivos, bilhetes postais, lápis, retratos de Zamenhof, etc., etc., e o «Curso Elementar de Esperanto», de Saldanha Carreira e Luzo Bemaldo, por onde se aprende a bela língua auxiliar sem a ajuda de professor; de resto, os autores estão sempre prontos a elucidar quem a eles se dirija.